

## Sujeitos de referência arbitrária em sentenças infinitivas do português e o parâmetro do sujeito nulo

*Silvia R. de Oliveira Cavalcante e Maria Eugênia Lamoglia Duarte\**  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

### Abstract

In this paper we claim that the differences between European (EP) and Brazilian (BP) Portuguese, with regard to the position of subjects of infinitival clauses, are due to a parametric change undergone by BP. This change has not affected the subject position of finite clauses, but also the subject position of infinitival clauses, as shown by the empirical data from oral and written samples. In BP Agr is defective in the person feature, so that it licenses an empty category, but does not identify properly its referent, which leads to the filling of the subject position.

**Keywords:** infinitive subjects, parametric change, topic prominence

**Palavras-chave:** sujeitos infinitivos, mudança paramétrica, proeminência de tópico

### 1. Introdução

O Português Brasileiro (PB) tem sido descrito como uma gramática parcialmente *pro-drop* (Kato, 2000) e de orientação para o tópico (Galves, 1987, entre outros). A maioria dessas análises tem priorizado, porém, o comportamento do sujeito de referência definida e arbitrária em sentenças **finitas**. Neste trabalho, inspirado pelas análises teóricas de Galves (1987) e Figueiredo Silva (1996), analisamos a posição do sujeito referencial definido e arbitrário nas construções infinitivas, buscando comparar o comportamento do PB e do Português Europeu (PE). Acreditamos que a observação do comportamento da posição de sujeito das sentenças infinitivas numa língua que ainda mantém um sistema flexional verbal com desinências distintivas possa ser um diagnóstico para a caracterização do que seja uma língua de sujeito nulo ou não. Talvez seja o caso de levantar aqui as inúmeras questões teóricas que podem advir da constatação do percurso de uma língua de infinitivo flexionado e de orientação para o tópico e na absoluta novidade de termos uma tendência observada nas formas finitas replicada nas infinitivas.

Sabemos que o português se distingue das demais línguas românicas de sujeito nulo pela propriedade de exibir o infinitivo flexionado (Raposo, 1987), que conta com

---

\* Este artigo apresenta resultados parciais do projeto desenvolvido com bolsa PQ CNPq (Processo n.º 350731/2006-3).

um núcleo funcional capaz de licenciar e identificar um sujeito nulo. As línguas que não possuem infinitivo flexionado necessitam de um elemento externo – uma preposição ou o Sintagma Flexional (SFlex) da oração matriz para tal licenciamento. É o que mostram os exemplos de Cinque (1988) para o italiano, em que a posição do sujeito de referência arbitrária é licenciada pela Flexão (Flex) da sentença matriz de verbos transitivos (1a) e inergativos (1b). A agramaticalidade de (1c, d) mostra que com verbos que não selecionam um argumento externo o sujeito de infinitivo não é licenciado<sup>1</sup>:

- (1) a. *Sembra non essersi ancora scoperto il vero colpevole.*  
 Parece não se ter ainda descoberto o verdadeiro culpado  
 b. *Sembra non essersi lavorato a sufficienza.*  
 Parece não se ter ainda trabalhado o suficiente  
 c. *\*Sembra essersi arrivati troppo tardi.*  
 Parece ter-se chegado muito tarde  
 d. *\*Sembra non essersi benvenuti qui.*  
 Parece não se ser bem-vindo aqui.

Segundo Raposo (1987), o infinitivo flexionado do português licenciaria um sujeito sem as restrições observadas para o italiano, como mostram os exemplos em (2):

- (2) a. *Seria melhor descobrir-se o culpado.*  
 b. *Seria melhor trabalhar-se um pouco mais.*  
 c. *Seria melhor chegar-se pontualmente*  
 d. *Seria melhor não se ter preocupado ninguém*  
 e. *Seria melhor ser-se rico.*

Assim, seria natural esperar que as sentenças não finitas se comportem como as sentenças finitas no que tange à posição de sujeito; em outras palavras, as mesmas restrições à ocorrência de um sujeito nulo ocorreriam tanto em sentenças finitas quanto não finitas, devido às condições de licenciamento e identificação que legitimam uma categoria vazia. Essas previsões acerca do preenchimento da posição de sujeito de infinitivo parecem ser válidas não apenas para línguas como o português, que possui o infinitivo flexionado, mas também para línguas que não têm infinitivo flexionado mas que permitem um pronome na posição de sujeito. É o caso de línguas de sujeito nulo, e parcialmente nulo, como o espanhol do Caribe (Suñer, 1986) e o espanhol rioplatense (Saab, 2004). Suñer aponta algumas características do espanhol do Caribe que podem ser consideradas um diagnóstico para uma mudança na marcação do parâmetro do sujeito nulo: um crescente preenchimento do sujeito (em virtude da erosão do paradigma flexional verbal), a perda da ordem VS em interrogativas e estruturas clivadas que são típicas do espanhol. Nessas duas gramáticas do espanhol, a caribenha e a rioplatense, é permitido aparecimento de um sujeito de infinitivo desde que seja em contextos preposicionados, como mostram os exemplos em (3) de Suñer (1986) e em (4) de Saab (2004):

<sup>1</sup> As mesmas restrições observadas por Cinque parecem valer para o espanhol caribenho e para o espanhol rioplatense, como veremos a seguir com exemplos de Suñer (1986) (cf. 3), e de Saab (2004) (cf. 4).

- (3) a. Para poder *una* lograr esa meta, hay que tener visión.  
 b. Ao salir *Paco / él*, sonó el teléfono  
 c. Para *tu* llegar a mi casa a tiempo tienes que tomarte un taxi ya.  
 d. Passaron tres meses sin *el* volver a Venezuela.
- (4) a. Al dárseme la palabra/la, comencé a hablar.  
 b. Al dárme *el locutor* la palabra/la, comencé a hablar.

Os contextos que permitem o preenchimento da posição de sujeito com um SN, um pronome ou o clítico *se* são todos contextos preposicionados. Comparando-se as duas gramáticas do espanhol, vemos que no espanhol caribenho já são permitidos sujeitos pré-verbais (como mostram os exemplos em (3)), ao passo que no espanhol rioplatense, os sujeitos nominais só aparecem pospostos (exemplos em (4)). Não é intenção deste trabalho discutir a ordem sujeito-verbo nas sentenças infinitivas, mas o que parece estar em jogo no espanhol é que o verbo sobe para uma posição mais alta (a posição de núcleo do Sintagma Complementizador) para poder estar disponível para licenciar o sujeito de infinitivo<sup>2</sup>.

O PB atual encontra-se numa situação entre o português europeu e essas duas gramáticas do espanhol: ainda apresenta o infinitivo flexionado, mas devido à sua natureza de parcialmente *pro-drop* (Kato, 2000; Rodrigues, 2002), tende a um maior preenchimento da posição de sujeito. Os sujeitos nulos do PB apresentam um comportamento diferente dos sujeitos nulos do Português Europeu (PE) (veja Barbosa, Duarte e Kato, 2005). Essa diferença tem sido relacionada à sua interpretação e não ao seu licenciamento (Moreira da Silva, 1983; Galves, 1987; Figueiredo Silva, 1996; Cavalcante, 2006, entre outros). Além disso, alguns autores defendem que o sujeito preenchido no PB estaria relacionado à sua orientação para o discurso (veja Negrão e Viotti, 2000; Modesto, 2004) enquanto os nulos se limitam a estruturas com um sujeito controlado por um antecedente na sentença matriz (ex. 5a) e/ou por um antecedente na posição de sujeito do contexto anterior (ex. 5b).

- (5) a. Maria disse que  $\emptyset$  estava aborrecida  
 b. Maria saiu.  $\emptyset$  Estava aborrecida

Além da diferença existente entre os sujeitos nulos, PE e PB exibem diferenças acerca do sujeito pronominal pleno. Numa língua de sujeito nulo como o PE, os sujeitos plenos não estão em variação como os nulos; quando aparece um sujeito pronominal pleno, é para introduzir um elemento novo ou por motivos de contraste, diferentemente do que ocorre no PB, em que os sujeitos plenos não são para marcar contraste. Desse modo, estudos empíricos revelam uma diferença percentual significativa para os sujeitos plenos nessas duas gramáticas: enquanto PB apresenta uma média de 80% de frequência de uso para sujeitos plenos, e o PE uma média de 30% de frequência de uso para sujeitos plenos (cf. Duarte, 1995; 2003; Soares da Silva, 2006).

<sup>2</sup> Segundo Saab, o verbo sobe para ficar no domínio da preposição, ser marcado com Caso para poder licenciar a posição de sujeito de infinitivo. É o verbo infinitivo que licencia esta posição.

Assim, em sentenças como (5) no PB podem apresentar um sujeito pleno, correferente com o sujeito da oração matriz (6a) ou da oração anterior (6b):

- (6) a. Maria disse que **ela** estava aborrecida  
b. Maria saiu. **Ela** estava aborrecida

De fato, o processo de mudança em progresso no PB exige construções atestadas em línguas de proeminência de tópico e essa orientação para o discurso é de fato responsável por um vasto número de estratégias de preenchimento de sujeitos não referenciais (veja Duarte, 2007).

O fato de os sujeitos referenciais poderem ser expressos não só em sentenças finitas, mas também em sentenças infinitivas, foi apontado por Figueiredo Silva (1996). Estudos empíricos recentes (Cavalcante, 2006; Cavalcante e Duarte, 2007; Duarte, no prelo) revelam que os sujeitos de referência arbitrária em sentenças infinitivas do PB, além de representados por uma categoria vazia e por um clítico *se* (exemplos 7a, 7b), principalmente na escrita, tendem a ser expressos por pronomes nominativos, como *você* e *a gente* (exemplos 7c e 7d), majoritariamente na fala:

- (7) a. é muito difícil [ $\emptyset_{arb}$  conseguir uma carga de quarenta horas], você sabe disso, te obriga a ir a vários colégios, deslocamento, passagem  
b. é uma das cidades que tem o melhor, melhor é, padrão de vida, ou seja, uma das melhores cidades do mundo [pra *se* morar]  
c. outro dia eu tive, tive que, expulsar um aluno de sala, realmente é, triste né, [*você* ter que expulsar um aluno de sala]  
d. é muito gostoso [*a gente* analisar isso], é muito bonito.

O comportamento do PB é, entretanto diferente. Embora o sujeito dos verbos infinitivos ainda seja preferencialmente nulo, já são observadas ocorrências de sujeito referencial definido em contextos não regidos, como mostram os dados em (8):

- (8) a. Meu futuro não depende só de mim. Meu coração vai sempre ficar aqui com a torcida, mas [eu *permanecer* aqui] é um pouquinho difícil. (jogador de futebol em entrevista a emissora de rádio-15/05/2008)  
b. Você tem [como você, *melhorar* essa pele]. É só  $\emptyset_i$  *ter* vontade. (médico para a paciente-06/08/08)

Como poderíamos explicar os dados em (7c,d) considerando o licenciamento e a interpretação do sujeito de infinitivo? Se a natureza *pro-drop* parcial do PB está relacionada ao seu sistema de Concordância, isso deve afetar, de algum modo, o infinitivo flexionado. A idéia sobre o sistema de concordância é a seguinte: um sistema com Concordância (AGR) forte, isto é, Concordância (AGR) suficientemente forte para licenciar e interpretar um sujeito nulo faz com que haja maior número de sujeitos nulos, pois eles podem ser licenciados e interpretados. Se uma língua possui AGR tanto em sentenças finitas quanto em sentenças infinitivas, e AGR é forte, o padrão de preenchimento da posição de sujeito será o mesmo tanto para sentenças finitas quanto para sentenças infinitivas. Esse seria o caso do Português Europeu: a Concordância (AGR) é forte o suficiente para licenciar e interpretar as categorias vazias em posição de sujeito de sentenças finitas e não-finitas.

O PB, por outro lado, tem sido apontado como uma gramática que tem AGR fraco, ou pelo menos, defectivo no traço [pessoa] (Galves, 1993). Isso significa que AGR fraco licencia o sujeito, mas não pode atribuir a ele uma interpretação referencial. Assim, para ser interpretado, o sujeito do PB deve ter um antecedente. Se esse enfraquecimento de AGR ocorre também nas sentenças finitas, devemos esperar aí a mesma tendência para as sentenças infinitivas: um maior preenchimento da posição de sujeito. Assim no PB, o infinitivo, mesmo sendo flexionado, tem um AGR fraco. Funciona, portanto, como o AGR das sentenças finitas.

Uma hipótese que poderíamos levantar, portanto, é a seguinte: PE e PB apresentam motivações diferentes para o preenchimento do sujeito de infinitivo. Enquanto no PE, esperamos uma distribuição complementar, ou seja, sujeitos nulos correferentes com o sujeito da matriz, ou então com referência arbitrária, e sujeitos expressos (com *se* ou um DP lexical) não-correferentes com o sujeito da matriz, o que justificaria o seu aparecimento, no PB, esperamos encontrar sujeitos não expressos e expressos, mesmo em contextos de correferência com o sujeito da matriz, o que se explicaria pela natureza do AGR não finito.

O objetivo deste trabalho é analisar os sujeitos infinitivos de referência definida e arbitrária do PB e do PE com base na seguinte discussão: (a) o preenchimento da posição de sujeito está relacionado à mudança na remarcação do Parâmetro do Sujeito Nulo? (b) se estiver, como explicar que uma língua parcialmente orientada para o discurso como o PB permita o Infinitivo Flexionado, contradizendo algumas análises que relacionam o Infinitivo Flexionado ao Parâmetro do Sujeito Nulo (cf. Raposo, 1987; Cinque, 1988; Dobrovie-Sorin, 1998)?

### O corpus

A análise quantitativa está baseada em amostras de fala do PB e do PE contemporâneos. Para a análise da língua falada são utilizadas, para o PB, 12 entrevistas do Projeto NURC-RJ (Norma Urbana Culta), gravadas nos anos 90 e, para o PE, entrevistas entre documentador e informante extraídas de Cresti & Moneglia (2005), uma publicação em CD-rom, que apresenta uma variada amostra de línguas românicas faladas na Europa (português, francês, italiano e espanhol). Para tornar a análise comparável aos dados do NURC, foram selecionadas nesta etapa da pesquisa apenas entrevistas com falantes de nível superior de escolaridade, o que nos deixou com uma amostra menor para o PE do que para o PB oral, já que o número de falantes com tal nível de escolaridade era pequeno. A análise da escrita utiliza artigos de opinião e crônicas publicados entre os anos de 2003 e 2007 em jornais de Lisboa – *O Público*, *O Diário de Notícias* e *O Expresso* –, e em jornais cariocas – *O Globo* e *O Jornal do Brasil*<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> Se compararmos as datas de recolha dos dados das amostras de fala e de escrita, tanto para o PE quanto para o PB, veremos uma diferença entre os dados da fala com os dados da escrita. Estudos sociolinguísticos recentes revelam que, com relação ao fenômeno do preenchimento do sujeito em sentenças finitas, não há diferença significativa num intervalo de 20 anos. De fato, o estudo de painel e de tendências de Duarte (2003) sobre o preenchimento do sujeito numa amostra de fala popular entre os anos 1980 e os anos 2000

### O que dizem os resultados da análise sincrônica da fala e escrita

Vejam os resultados de como se comportam os sujeitos de infinitivas com referência definida no PE e no PB para as modalidades falada e escrita. A tabela 1 a seguir apresenta a forma de realização desses sujeitos:

Sujeito	Fala		Escrita	
	PE	PB	PE	PB
<b>Nulo</b>	132 (98,6%)	225 (90,7%)	156 (90,0%)	283 (92,0%)
<b>DP</b>	1 (0,7%)	8 (3,3%)	15 (10,0%)	19 (6,0%)
<b>Pronome</b>	<b>1 (0,7%)</b>	<b>15 (6,0%)</b>	–	<b>6 (2,0%)</b>
<b>Total</b>	134 (100%)	248 (100%)	174 (100%)	308 (100%)

Tabela 1<sup>4</sup>: Distribuição dos sujeitos de referência definida no PE e no PB

Com relação à distribuição dos dados, observamos que o sujeito nulo é a forma preferida nas duas gramáticas, tanto na modalidade escrita quanto na modalidade falada. Do ponto de vista qualitativo, entretanto, vemos algumas diferenças, principalmente no que tange ao tipo de sujeito de infinitivo que aparece. Uma primeira diferença está relacionada aos sujeitos pronominais: nota-se no PB, principalmente falado, uma frequência maior de uso do sujeito pronominal, diferentemente do PE, tanto falado ou

---

revela uma confirmação da tendência ao preenchimento do sujeito na amostra de 2000. Um outro exemplo é o estudo de Cavalcante (2007) sobre o sujeito nulo arbitrário em comparação com as sentenças com *se*, com gravações dos anos 1970 e 1990 da fala culta carioca (NURC/RJ). Mais uma vez, a amostra dos anos 1990 confirmou a tendência ao sujeito nulo de referência arbitrária apresentada na amostra dos anos 1970. Desse modo, acreditamos que utilizar amostras com distância de 10 anos, da língua falada para a língua escrita, não influenciará os resultados obtidos.

<sup>4</sup> A tabela exclui as sentenças infinitivas completivas de verbos causativos e perceptivos, destacadas em negrito, que têm sujeito definido obrigatoriamente expresso. É, entretanto, interessante mencionar o fato de que tais sujeitos, quando têm antecedente no contexto discursivo, aparecem sob a forma de clíticos no PE oral ou escrito, deixando “visível” a marcação excepcional de Caso pelo verbo da matriz, como mostram os exemplos em (i):

- (i) a. e os indivíduos que pusessem aqui o carro o senhor mandava-os retirar; assim é que era a sua obrigação (PE oral)  
 b. há poucos pais que impliquem com isso... ou deixá-las sair de vez em quando à noite, aos fins de semana (PE oral)

No PB, por outro lado, o clítico só aparece na escrita mais formal (como se vê em (iia)). Em gêneros mais informais, como a crônica, já aparecem as formas nominativas (iib), que são categóricas na fala espontânea (iic):

- (ii) a. De fato, a presença do Pontífice entre nós mobilizou multidões e o fez experimentar a calorosa acolhida do povo brasileiro. (PB escrito)  
 b. Poucos políticos brasileiros conversariam com o Chomsky, e com o bom inglês, do Olívio Dutra, como vi ele fazer no último Fórum Social Mundial. (PB escrito)  
 c. Deixa eu ver o que mais que teria na cidade... (PB oral)

escrito. Esse índice, ainda que pouco expressivo em relação aos outros tipos de sujeito, pode estar relacionado à característica parcialmente *prodrop* do PB já verificada para as sentenças finitas, o que confirma a nossa hipótese. Notem-se, em (9) a seguir, dados do PB falado e escrito com sujeitos pronominais correferentes expressos, o que não ocorreu no PE:

- (9) a. *Ela* ficou solteira porque *ela* quis, porque, talvez ninguém tinha interessado, [a ponto de **ela se casar**] (PB oral)  
 b. *Eu, eu* sou professor, então *eu* procuro, [apesar de **eu dar** aula pra segundo grau] e, teoricamente a gente espera que os alunos mais maduros, né, você ainda pega muita, muita infantilidade (PB oral)  
 c. **Passei** muito tempo depois da descoberta dele [sem **eu** me *identificar* muito com ninguém]. (PB escrito)  
 d. Então foi o que me levou lá pra pesquisa do centenário da banda, para o centenário **da banda** dois anos [antes de **ela fazer** cem anos.] (PB oral)

O único dado de sujeito pronominal expresso no PE ocorreu num contexto preposicionado, sem co-referência com o antecedente e a expressão do pronome garante uma interpretação definida do sujeito:

- (10) a alimentação faz parte da cultura das pessoas, faz parte da maneira [**delas** estar e subverter completamente tudo] (PE oral)

Os sujeitos representados por DPs, no PE oral (1 dado) e escrito (15 dados), estão restritos a contextos regidos de preposição<sup>5</sup> na amostra analisada:

- (11) a. pois exactamente acresce (o azeite) [**depois da sopa** estar feita (PE oral)]  
 b. Também não foi o facto [**de Manuela Ferreira Leite** ter recebido] mais votos para a mesa do Congresso do que o líder agora eleito. (PE escrito)  
 c. não há a oportunidade [**de a pessoa** fazer assim um rasgo aqueles (PE oral)]

<sup>5</sup> Essa, entretanto, não parece ser uma restrição ao uso de DPs ou pronomes como sujeito de infinitivo. Julgamentos de gramaticalidade fornecidos por falantes do PE mostram que é possível preencher um sujeito de infinitivo em contextos não regidos de preposição, desde que não haja correferência entre o sujeito de infinitivo e um sujeito da oração matriz. Vejamos os exemplos a seguir, com sujeitos tanto DPs (iii) quanto pronominais (iv) avaliados por falantes do PE:

- (iii) a. Foi uma cena deplorável **a Maria** entrar na sala e agredir o diretor.  
 b. Basta **a Maria** entrar na sala para todos começarem a cochichar.  
 c. Basta *entrar a Maria* para todos começarem a cochichar.  
 d. Foi surpreendente **o João** ter tomado essa atitude.  
 e. Foi surpreendente *ter o João* tomado essa atitude.  
 (iv) a. **Eu** ficar à espera de que ele me dê a notícia, não fico.  
 b. Basta **eu** entrar para todos começarem a cochichar.

Nos casos de (iiic) e (iiie), o sujeito tem valor de foco contrastivo, diferentemente do que ocorre quando ele está anteposto ao verbo.

O PB, por outro lado, apresenta não só DPs em contextos regidos de preposição, como mostram os exemplos em (12), como também não regidos, como (13).

- (12) a. talvez por isso seja a forma [**de adolescente** *ser* rebelde] (PB oral)  
 b. Chegou o tempo da ponderação. [**Da oposição** *pensar* no que é melhor para o país além dos seus ressentimentos, [**da grande imprensa** *pensar* nos seus excessos e, acima de tudo, [do PT *pensar* nos seus pecados. (PB escrito)
- (13) a. Foi preciso [**a imprensa** *entrar* na história] para se saber o quanto são freqüentes os quase-acidentes aéreos. (PB escrito)  
 b. Fala-se em atrair dissidentes do PMDB (grupos Sarney e Quércia), mas bastará [**esse partido** *fechar questão* sobre um tema] para a possibilidade tomar-se impossível. (PB oral)

Ao observarmos os dados de sujeito de referência arbitrária, vemos uma diferença muito maior entre PB e PE do que aquela verificada para os sujeitos de referência definida. A tabela 2 traz a distribuição dos sujeitos de referência arbitrária nas duas modalidades

Modalidade	Fala		Escrita	
	PE	PB	PE	PB
Nulo	68 (91%)	<b>156 (78%)</b>	<b>133 (94%)</b>	<b>133 (90%)</b>
Se	6 (8%)	3 (1,5%)	9 (6%)	<b>10 (7%)</b>
A gente	1 (1%)	4 (2%)	–	1 (1,5%)
Você	–	<b>37 (18,5)</b>	–	1 (1,5%)
<b>Total</b>	75 (100%)	259 (100%)	142 (100%)	147 (100%)

Tabela 2: Distribuição dos sujeitos de referência arbitrária no PE e no PB

Pela distribuição dos dados, vemos que o PE falado e escrito e o PB escrito estão muito próximos: o sujeito nulo atinge a marca de 90%, e o uso do clítico *se* fica entre 6% e 8%.

Em relação ao uso de *se*, os exemplos em (14) e (15) sugerem que o seu uso em variação com o sujeito nulo não parece ter uma motivação funcional, como, por exemplo, garantir a interpretação arbitrária do sujeito, tanto no PE quanto no PB falados:

- (14) a nora desses amigos da Manuela levou-nos a conhecer Brasília inteira que também é muito fácil  $\emptyset_{arb}$  *conhecer* porque aquilo é tudo tão organizadinho que basta  $\emptyset_{arb}$  *conhecer* um fragmento para *se perceber* bem como é que funciona tudo (PE oral)
- (15) Brasília é uma ótima cidade para  $[\emptyset]_{arb}$  *morar* dentro de casa...e  $[\emptyset]_{arb}$  *ter* tudo ... é uma cidade agradabilíssima de *se viver* (...) é uma das cidades que tem o melhor, melhor é, padrão de vida, ou seja uma das melhores cidades do mundo pra *se morar* (PB oral)



Raramente, o uso do clítico *se* parece ter um efeito de desambiguador, isto é, impede uma indesejável correferência com um possível candidato, como vemos ocorrer em (16):

- (16) Uma certeza é a de que o CDS (que veio afirmar **estar-se «perante um equívoco»**) e o grupo do BES não saem nada bem deste processo (PE escrito)

Nota-se ainda um uso marginal de *a gente*, tanto no PE quanto no PB orais (e no PB escrito), em orações subjetivas articuladas com predicadores adjetivais:

- (17) a. portanto se calhar melhor [*a gente* saber tudo] porque se faz tudo na mesma (PE oral)  
b. é muito gostoso [*a gente* analisar isso], é muito bonito. (PB oral)

O que chama a atenção, no entanto, é o uso de *você*<sup>6</sup> no PB oral, com 18,5% de preenchimento. Esses índices podem indicar o encaixamento da mudança que ocorre nas sentenças finitas: a preferência pelos pronomes sujeitos expressos. Em relação ao uso de *você*, um fator extralingüístico e um lingüístico se destacam: (a) *você* é muito mais freqüente na fala do grupo mais jovem (entre 25 e 35 anos), responsável por 24 das 37 ocorrências; (b) a inserção de *você* é preferencial, embora não exclusiva, em contextos não regidos de preposição, tal como o uso de *a gente*, um fato que já o distingue do uso de *se*. De fato, 26 das 37 ocorrências (ou 70%) ocorrem em subordinadas subjetivas pospostas (completivas de predicadores verbais, nominais e adjetivais), como em (18), subjetivas antepostas (completivas de predicadores verbais e nominais), como em (19), e objetivas diretas, ilustradas em (20):

- (18) a. por isso que eu digo, não adianta [*você* fazer o pré-vestibular] se você não tiver uma base (PB oral)  
b. realmente dá uma certa revolta [*você* ter que ter passado por uma situação dessas] (PB oral)  
c. é triste, né, [*você* ter que expulsar um aluno de sala] (PB oral)  
d. eu acho que sensual é [*você* colocar uma coisa provocante, uma roupa que insinua], né? (PB oral)
- (19) a. [*você* ter qualquer profissão da área tecnológica] te paga melhor que o magistério (PB oral)  
b. [*você* chegar depois de dez horas] era um, um medo só, né? (PB oral)
- (20) pô, imagina [*você* brigar] e ter que dormir junto com a pessoa, olhando pra cara da pessoa, aí acordar no dia seguintes, um não ‘tá a fim de falar com o outro e, ‘tá na mesma casa, sabe, tomando café juntos, não sei, mas eu acho que é uma coisa nova (PB oral)

<sup>6</sup> Falantes do PE sugerem a possibilidade de uso do pronome *tu* com referência arbitrária, ao invés de *você*, como ocorre no PB. Nas amostras utilizadas, entretanto, não foram encontradas ocorrências de *tu* com referência arbitrária.

São raras as infinitivas com um sujeito nulo em posição inicial, como mostra (21), uma estrutura que fica mais restrita à fala de grupos mais velhos:

- (21) [ $\emptyset_{arb}$  *praticar* um esporte], não deixa de ser um divertimento, né, então isso depende muito de gerações (PB oral)

Entre as 11 sentenças regidas **de preposição**, predominam as completivas nominais canônicas ou completivas do verbo modal “dar” (com valor epistêmico), nas construções “dar pra”:

- (22) a. porque essa questão [de *você* ter que hastear bandeira...] (PB oral)  
 b. o Rio de Janeiro é uma cidade adorável [pra *você* bater perna], né? (PB oral)
- (23) as casas era muito generosas de espaço, dava [pra *você* fazer festas], né, dava [pra *você* reunir em grandes almoços] (PB oral)

Nas completivas de predicadores adjetivais como *difícil*, nota-se ainda o uso variável de preposição:

- (24) a. fica difícil [de *você* administrar isso] mas existe né? (PB oral)  
 b. agora, também é difícil [*você* ir contra, vamos dizer assim, a maré] né? (PB oral)

Exemplos como os ilustrados acima com *você* ainda encontram concorrência forte em estruturas com o sujeito nulo, mas, como mostram os dados em (25), um sujeito nulo de infinitivo está geralmente controlado por um *você* indeterminador na oração principal:

- (25) a. mas, tinha uma disciplina muito grande, *você* ter que abaixar cabeça, aquele negócio de, né, [pra  $\emptyset_{arb}$  *sair*] ter que ficar quietinho, pra sair antes (PB oral)  
 b. *você* não prejudica os outros, né, [pra  $\emptyset_{arb}$  não *prejudicar* os outros] *você* tem que botar o cara pra fora, né (PB oral)  
 c. *você* vai ali [pra  $\emptyset_{arb}$  *assistir* uma aula] mas o professor não, não ensina nada (PB oral)

ou é resultante do alçamento de um sujeito indeterminado:

- (26) e hoje em dia *você* sem carro fica muito difícil [pra  $\emptyset_{arb}$  poder sair] (PB oral)  
 (e hoje em dia fica muito difícil [pra você poder sair sem carro])

Em resumo, pode-se presumir que o enfraquecimento de AGR ou mesmo um T defectivo no traço pessoa (como propõe Ferreira (2000) para o PB) faz com que o sujeito seja licenciado, mas não interpretado, levando à projeção do Spec TP das infinitivas, como propõe Kato (1999) para as sentenças finitas do PB.

Os resultados para os sujeitos de referência definida podem confirmar essa análise: no PE, o preenchimento do sujeito de referência definida ocorre em sentenças infinitivas preposicionadas (como ocorre no espanhol caribenho). No PB, a preposição não é um fator determinante para o preenchimento do sujeito de infinitivo. No entanto, sabemos que línguas negativamente marcadas em relação ao Parâmetro do Sujeito Nulo mantêm a posição de sujeito de infinitiva vazia, a menos que o sujeito seja regido excepcionalmente por uma preposição ou o verbo da matriz. Finalmente, no PB, já aparecem construções de infinitivo com sujeito deslocado à esquerda, como vemos em (27):

- (27) Porque [o treinador da equipe<sub>i</sub> [ele receber no gramado os chefes das torcidas organizadas é uma coisa complicada de entender. (CBN, bate-papo sobre esportes, 01/08/08)

Da mesma forma, a projeção de TopP ou SubjP pode abrigar um outro constituinte, como o complemento direto em (28):

- (28) chega a ser ridículo né, um, [rapaz com dezoito anos<sub>i</sub> [eu botar \_\_\_<sub>j</sub> pra fora de sala] e, sei lá, pedir suspensão eu, pedi, eu só pedi pra ele se retirar pra, pra que eu pudesse dar aula, né. (PB oral)

### Considerações Finais

Como vimos, PE e PB diferem em relação ao comportamento da posição de sujeito em sentenças infinitivas, bem como já foi verificado para as sentenças finitas. Com relação aos sujeitos de referência definida, o seu comportamento tanto quantitativo quanto qualitativo é diferente no PE e no PB: no PE, vemos a preferência pelos sujeitos nulos e o aparecimento do clítico acusativo em contextos de marcação excepcional de Caso; no PB, a frequência de sujeitos nulos é ligeiramente menor, e o pronome de terceira pessoa aparece, tanto na fala quanto na escrita, na posição de sujeito em contextos de marcação excepcional de Caso. Qualitativamente, podemos observar uma diferença com relação aos tipos de contexto em que o sujeito aparece pleno: enquanto no PE o sujeito pleno está restrito aos contextos regidos de preposição, no PB ele aparece também em contextos não regidos. Com relação aos sujeitos de referência arbitrária, notamos que o PE falado e escrito e o PB escrito possuem o mesmo comportamento quantitativo: a preferência pelo sujeito nulo seguido do clítico *se*. No caso do PB falado, existe uma tendência ao preenchimento da posição de sujeito de infinitivo por um pronome, principalmente a forma *você* de referência arbitrária.

A partir do comportamento desses dados, podemos levantar aqui duas questões: a primeira diz respeito à diferença existente entre fala e escrita no PB, que não ocorre no PE, e a segunda diz respeito a uma possível explicação para o comportamento do PB em face do PE.

No que se refere à diferença entre fala e escrita no PB, principalmente no comportamento dos sujeitos de referência arbitrária, vemos uma tendência a seguir as prescrições gramaticais. Na fala, por outro lado, podemos ver emergir a gramática

brasileira no comportamento quantitativo dos dados, principalmente quando vemos sujeitos deslocados ou topicalizados em sentenças infinitivas, como é o caso dos exemplos 25c, 26 e 27 acima.

A explicação que podemos trazer para esse comportamento está relacionada ao tipo de Agr de infinitivo que aparece no PE e no PB. O elevado número de sujeitos nulos no PE, tanto de referência definida quanto arbitrária, e a baixíssima frequência de outras formas, principalmente pronominais, de preenchimento do sujeito, pode sugerir que estamos diante do infinitivo Não-Flexionado, isto é, estamos diante de casos de posições que nunca possam ser preenchidas por formas nominais, pois não têm um elemento que possa licenciar esses elementos (pro)nominais. Assim, a interpretação dessa categoria vazia ou está ligada ao tópico ou a um antecedente ou é arbitrária. No PB, por outro lado, a frequência significativa de sujeitos expressos, tanto pelo clítico *se* na língua escrita quanto pelas formas pronominais nominativas, se explica por estarmos diante de um infinitivo Flexionado, que tem características da flexão finita. No PB, tal como acontece nas sentenças finitas, o Agr de infinitivo é capaz de licenciar uma categoria vazia, mas não interpretá-la; assim, o preenchimento do sujeito por uma forma pronominal pode fazer com que essa posição seja interpretada adequadamente. A mudança do PB em direção a uma língua de proeminência **de sujeito e de tópico** (cf. Duarte & Kato, 2008) deve ser levada em conta na interpretação teórica de tais fatos.

### Referências

- Barbosa, Pilar, Maria Eugênia L. Duarte and Mary Kato (2006) Null subjects in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics* 4 (2), pp. 11-52.
- Cardinaletti, Anna (2004) Toward a cartography of Subject Positions. In Luigi Rizzi (ed.) *The structure of CP and IP: The Cartography of Syntactic Structures*. Oxford: OUP. Vol. 2, pp. 115-165.
- Cavalcante, Silvia Regina de O. (2006) *O uso do se com infinitivo na História do Português: do Português Clássico ao Português Europeu e Brasileiro Modernos*. Tese de Doutorado, Instituto de Estudos da Linguagem / Unicamp.
- Cavalcante, Silvia Regina de O. & Maria Eugênia L. Duarte (2007) The subject position of infinitival sentences in European and Brazilian Portuguese. 4th International Conference on Language Variation in Europe (ICLaVE).
- Cinque, G. (1988) On *si* constructions and the theory of ARB. *Linguistic Inquiry* 19, pp. 521-581.
- Cresti, Emanuela & Massimo Moneglia (eds.) C-ORAL-ROM – Integrated Reference Corpora for Spoken Romance Languages. *Studies in Corpus Linguistics*, vol. 15. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 2005.
- Dobrovie-Sorin, Carmen (1998) Impersonal *se* constructions in Romance and the passivization of unergatives. *Linguistic Inquiry* 29, pp. 399-437.
- Duarte, Maria Eugênia L. (1995). *A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas.

- Duarte, Maria Eugênia L. (2003) A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. In M. da C. Paiva & M. E. Duarte (orgs.) *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, pp. 115-128.
- Duarte, Maria Eugênia L. (2007) Sujeitos de referência definida e arbitrária: aspectos conservadores e inovadores na escrita padrão. *Lingüística* (PPGL/UFRJ), v. 3, pp. 89-115.
- Duarte, Maria Eugênia L. (2008) O sujeito de referência indeterminada em sentenças infinitivas. *Revista do GEL Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo*.
- Duarte, Maria Eugênia L. & Mary A. Kato (2008) Mudança Paramétrica e Orientação para o Discurso. Comunicação apresentada durante o *XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Universidade do Minho. Braga.
- Figueiredo Silva, Maria Cristina (1996) *A posição sujeito no português brasileiro*. Campinas, SP: Unicamp.
- Galves, C. (2001) *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas, SP: Pontes / Unicamp.
- Kato, Mary (1999) Strong and weak pronominals and the Null Subject Parameter. *Probus* 11, pp. 137.
- Modesto, Marcelo (2004) Sujeitos nulos em línguas de tópico proeminente. *Revista da ABRALIN – Associação Brasileira de Linguística*, vol. III, n<sup>os</sup> 1 e 2, pp. 121-148.
- Moreira da Silva, Samuel (1983) *Études sur la symetrie et l'asymetrie SUJET/OBJET dans le Portugais du Brésil*. PhD. Dissertation, Université Paris VIII.
- Negrão, Esmeralda e Evani Viotti (2000) Brazilian Portuguese as a Discourse-Oriented Language. In M. Kato & E. Negrão (eds.) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Madrid/ Frankfurt: Iberoamericana / Vervuet, pp. 105-125.
- Raposo, Eduardo (1987) Case Theory and INFL-to-COMP: The Inflected Infinitive in European Portuguese. *Linguistic Inquiry* 18, pp. 85-109.
- Rodrigues, Cilene (2002) Deriving referential Brazilian Portuguese null subjects from movement. Ms., University of Maryland at College Park.
- Saab, Andrés (2002) Asignación de Caso en construcciones con se impersonal. Ms., Universidade Nacional del Comahue.
- Soares da Silva, Humberto (2006) *O Parâmetro do Sujeito Nulo: confronto entre o português e o espanhol*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro. [www.lettras.ufrj.br/posverna](http://www.lettras.ufrj.br/posverna)
- Suñer, Margarita (1986) Lexical subjects of infinitives in Caribbean Spanish. In O. Jaegli & C. Silva-Corvalan (eds). *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris, pp.189-203.